

DEVOLVAM-SE NOS AS PALAVRAS!

Colmar Domingues
Licenciado em Filosofia pela UFPel

Era aquela uma linda noite de estrelas no céu. Madrugada já, mas nas casas que agora íamos deixando mais rapidamente para trás, não havia ainda luzes acesas.

A parelha seguia a trote na estrada plana e as rodas arrancavam faíscas dos pedregulhos.

Para o leste, no amplo céu, uma estrela se despencou de súbito, deixou para trás uma cauda de fogo e o infinito a engoliu.

Íamos calados agora. Falávamos de vez em quando, somente para nos sabermos em vigília.

Devíamos, pelo que nos haviam dito na tarde anterior, estar próximos. Talvez em menos de uma hora já estivéssemos lá. E eu pressentia o duro rosto de Miguel, cujas feições, antes serenas e esperançosas, iam se transformando agora numa dura máscara de argila ou pedra.

“E se não der certo, o que vamos fazer?” Imagino que era isso que o remoia.

- Está ficando frio! - Disse-me.

Contestei-o com um grunhido sem palavras. E depois disse:

- Está mesmo!

Agora precisávamos das palavras. Éramos palavras e nada mais - “prosear”, o que melhor nos definia.

Era então tudo e nada. Isso agora pode parecer pouco, mas naquele tempo era tudo o que nos bastava. Íamos a busca das palavras. Dentro delas nos acharíamos.

- Pela manhã sempre faz esse friozinho. - Disse-me.

Calou-se. Trazia uma capa preta sobre os ombros, tão dura quanto às feições do seu rosto, agora. E um chapéu velho à cabeça. E embora não o tocasse, ainda que estivesse ali ao seu lado, sabia-o enrijecido. Em uma curva ou outra, nossos joelhos se roçavam, mas já não tinham aquela mesma sensação de aconchego e conforto da manhã anterior quando partimos de Solidão.

A parelha parecia rejuvenescida pelo frescor da madrugada. Estalavam as ferraduras no duro chão da estrada e, em meio ao ruído das rodas e dos cascos, julguei distinguir o canto de um galo.

Em seguida, suspenderam o trote e, a passo, prepararam-se para enfrentar um pequeno *repecho* da estrada.

O Miguel distorceu o freio e descontraiu as rédeas. Segurou-as com a mão direita e com a esquerda buscou a minha em meio à noite. E a encontrou molhada por uma umidade que me vinha de dentro. Coloquei-a para fora do agasalho, tomei a mão dele e a enfiei no bolso do casaco. Apertamo-nos por um longo tempo, um longo e reconfortante aperto de mão. E sei que lhe transmiti o meu calor. E vi que aos poucos se dissolvia a moldura de aço que envolvia seu corpo e esculpia seu rosto.

E quando a parelha venceu a estrada íngreme e tomou a planície a trote, tive uma imensa gana de me aconchegar ao seu ombro.

Não havia palavras, como nunca antes houve palavras, porém, ele, por iniciativa própria, delicadamente, largou a minha mão e depositou a sua sobre os meus ombros e me puxou para si.

Tomei então o manto e cobri a mão dele e nos aproximamos os rostos e nossa pele se tocou, voltados para frente, para os dois vultos escuros que nos conduziam confiantes por aquela senda de trevas. E nos sentíamos profundamente inocentes.

E ainda agora, as palavras continuavam caóticas dentro de nós, porém, fermentando. Engendrando, ou sonhando engendrar, formulando um novo universo para quando fosse depois de amanhã, um novo dia. Conheceríamos então novos rostos, pisaríamos novos campos, veríamos nascer novos amanheceres, novos encontros, a terra, o frio... E as palavras.

Sabíamos que entre nós intercalava-se agora esse abismo que cinde os seres humanos quando nada há para trás e quando nada há pela frente. E por isso, Miguel e eu, nada tínhamos para nos dizer, que nunca fomos gente de falar das coisas que ainda não são. Esta quietude, temo, e sei que ele teme mais ainda, poderá nos transformar em duros seres, em desumanos seres de ferro, em sendo que amanhã, nada tivermos do que nos orgulhar.

“O que vamos fazer então?”.

E sei que é isso que o Miguel vem pensando. Por todo o caminho é isso que ele vem pensando. Ontem já vinha pensando. Enquanto eu, ausente de tudo isso, contemplava as abelhas trabalhando nas flores às margens da estrada e me imaginava sendo uma delas.

O que será de nós amanhã se não tivermos uma lavoura de milho verdejante; ou o trigo dançando na ventania da primavera; e se não nos derem uma casa; e se não tiver um novo amanhecer; e eu não puder ir ao campo buscar as vacas para ordenhá-las...

Sei que então nos calaremos em um doloroso silêncio. E somente haverá vontade de lágrimas. Mas uma coisa eu juro, mesmo que não se nos devolvam as palavras, esta estrada não me terá de regresso.